

Miguel Raposo Sala de Estar

Com formação em Design Industrial e de Interiores, Miguel Raposo começou por trabalhar no atelier de Maria Aura Troçolo e foi ao longo desse período de aprendizagem que surgiu o desejo de construir uma carreira profissional nesta área. Os anos seguintes ficaram marcados pela colaboração com a Paris Sete, até que cria o gabinete de arquitectura e design – Pura Habilidade.

Horto do Campo Grande Magazine: Quais as suas fontes de inspiração?

Miguel Raposo: A inspiração resulta de cada trabalho por si. Num domínio tão vasto de intervenção são as condicionantes e as exigências de cada projecto que acabam por ditar o mote para a inspiração... em alguns casos o rigor histórico, noutros a liberdade total para utilizar a criatividade.

H.C.G.M.: De que forma reproduz as tendências em cada projecto que realiza?

M.R.: Utilizar os "chavões" próprios das tendências é uma fórmula muito fácil e em nada criativa para desenvolver um trabalho nesta área. Estou atento, sim, às constantes evoluções que nos permitem melhorar e recriar os espaços, bem como a forma como os utilizamos. É uma preocupação constante utilizar novos materiais e as novas tecnologias que estão ao serviço do design de interiores.



H.C.G.M.: Qualquer projecto de decoração deverá ir ao encontro do gosto particular de cada cliente. No entanto, também acaba por reflectir o estilo/personalidade do próprio decorador. Qual o caminho a seguir para que o resultado final seja de comum agrado?

M.R.: Enquanto profissional, é meu dever ajudar o cliente a encontrar as melhores opções para a concretização do projecto. Todos os factores são tidos em conta para que o resultado final seja do inteiro agrado de quem vai viver os espaços. Seguramente que deixarei a minha marca pessoal no final mas, sempre prevalecendo a personalidade do cliente e a forma como utiliza a casa. O meu trabalho só termina no momento em que o cliente entra em casa para, ele mesmo, dar início a um novo projecto.

H.C.G.M.: Três palavras que definam o seu estilo...

M.R.: Rigoroso e eclético. A terceira fica à mercê do juízo que cada um faça dele...

H.C.G.M.: Qual o elemento de decoração mais importante nos seus projectos?

M.R.: Vejo cada projecto como um todo, mas preocupo-me especialmente com a distribuição e a luz, sem nunca esquecer o conforto.

H.C.G.M.: Qual o conceito que quis re(criar) para o espaço que apresentou na última edição da Casa Decor?

M.R.: Pretendi recriar uma sala de estar que espelhasse a vivência de alguém que estima o colecionismo e cultiva memórias de viagens; admira o passado, mas não deixa de estar atento às correntes criativas contemporâneas. No fundo, tentei reproduzir aquilo que está mais próximo da nossa realidade e da forma como vivemos as nossas casas.

H.C.G.M.: Por ser um local de convívio por excelência, o que considera ser mais importante numa sala de estar?

M.R.: Um local onde (se possível) não exista uma televisão.

H.C.G.M.: A decoração do espaço ficou marcada por uma visível fusão de estilos sem que se perdesse a harmonia. O que foi pensado neste sentido?

M.R.: É habitual a utilização de linguagens distintas nos meus projectos. Gosto da intimidade partilhada entre os objectos clássicos e o design actual.

H.C.G.M.: Quais as cores e os materiais privilegiados?

M.R.: O respeito pelo espírito da arquitectura clássica da sala foi uma preocupação que existiu desde o início. Assim sendo, utilizei uma paleta de cores neutras que evidenciasse os pormenores decorativos da arquitectura.

H.C.G.M.: Em toda a decoração, qual a peça que elege?

M.R.: O sofá desenhado por António Citterio, para a Maxalto. Creio que é o expoente máximo do conforto e do luxo contemporâneo.

H.C.G.M.: Os elementos naturais trazem, igualmente, outra harmonia aos espaços. Neste contexto, que importância atribui às plantas na decoração de um ambiente?

M.R.: O ideal é ter um espaço aberto rodeado de plantas, tal como um jardim ou um terraço. Se tal não for possível, então uma planta de grandes dimensões é a escolha certa.

A planta escolhida para esta sala teve um papel muito importante no resultado final. A sua forma escultórica e dimensão serviram para destacar alguns elementos decorativos, nomeadamente a cadeira Indo-Inglesa do século XIX, recriando algum espírito do estilo colonial.

